

CONSIDERAÇÕES ONTOLÓGICAS E COSMOLÓGICAS COMO AUXÍLIO PARA O DESPERTAR DA REFLEXÃO FILOSÓFICA DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO EM ESCOLA DA REDE PÚBLICA.

TIAGO ELIOMAR GONÇALVES DE MORAIS
2º FILOSOFIA
ROQUE LUIZ SIBIONI
ORIENTADOR

RESUMO

Espera-se, com breves considerações ontológicas e cosmológicas, “despertar” os alunos para a reflexão sobre questões ligadas à existência do universo e a sua própria existência. Este assunto seria um propedêutico para outras áreas da filosofia a serem trabalhadas pelo professor durante o ano letivo, já que estariam mais motivados e interessados às reflexões que o professor, a filosofia, tem a propor.

Primeiramente é apresentado um breve marco situacional da realidade juvenil com relação à educação formal e, também, a difícil situação em que se encontram os educadores para lidarem com tais realidades. Posteriormente, são traçadas algumas estratégias de motivação ao discente para que tenha interesse pelas reflexões filosóficas.

PALAVRAS -CHAVES

Realidade discente; missão do educador; filosofia e escola; Estratégia motivacional à reflexão filosófica; Ontologia; Cosmologia.

INTRODUÇÃO

Quais seriam as causas de certo desdém por parte dos alunos com relação à filosofia? Por acaso foram eles realmente interpelados por um problema filosófico? Propor aos discentes um vislumbre mais profundo sobre a realidade, ou sobre a natureza e a amplitude do universo que os o cercam, não despertaria, talvez, uma maior aproximação da filosofia?

Ao perceber hoje um grau elevado de desinteresse dos alunos em relação à reflexão filosófica, questiona-se sobre uma possível motivação destes, no vasto universo de busca de fundamentos da realidade que os envolve, pela percepção sensível e racional. Será foco principal de abordagem: questões buscadas pelos pré-socráticos (filósofos da natureza) e também o “assombro”, ou o espanto

filosófico ressaltado por Aristóteles e outros tantos pensadores que percebiam verdadeiros milagres em tudo. Quer-se com tal projeto instigar os alunos do ensino médio da Rede Pública ao estudo mais prazeroso da filosofia.

DESENVOLVIMENTO

1- MARCO SITUACIONAL ESCOLAR E A FILOSOFIA

1. 1. A DIFÍCIL TAREFA ATRIBUÍDA AOS PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO HOJE

Indubitavelmente a sociedade brasileira contemporânea foi acrescentando novas exigências ao trabalho dos professores e educadores. Cobra-se deles responsabilidades que antes eram esperadas da família e de outras instâncias sociais; e também, que respondam à necessidade de afeto dos alunos; resolvam os problemas da violência, da droga e da indisciplina; preparem melhor o aluno para a área de matemática, de ciências e tecnologia; para colocá-los em melhores condições de enfrentar a competitividade do mercado de trabalho; restaurem a importância dos conhecimentos; sejam os regeneradores das culturas mediante as identidades perdidas com as desigualdades, diferenças culturais (globalização); que gerenciem as escolas com prudência e moderação; que trabalhem coletivamente em escolas com horários cada vez mais reduzidos e fragmentados.¹

Contudo, é relevante lembrar o salário injusto que desvaloriza e dificulta ainda mais a missão do docente nos dias atuais. Não é de se surpreender que não se pode exigir dos professores o atendimento dessas demandas, como se acredita. A esperança de progresso está na coletividade, para que apontem caminhos auxiliares para o enfrentamento dessas pesadas exigências.

Sendo assim, é mediante a este contexto que o professor terá de encontrar caminhos de motivação para si, como educador, e também, motivação para o aprendizado de nossos jovens. Pois, o educador é o que tem a maior chance para abrir o caminho à aprendizagem; ele pode responder satisfatoriamente à expectativa da criança ou pode bloquear-lhe ainda mais, despertando no destinatário medo e ódio, ao invés, de uma construção do conhecimento.²

1. 2. ALGUNS PRESSUPOSTOS DE AÇÃO EDUCATIVA “LIBERTADORA”

¹ Cf. LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002, p.14.

² GOULART, Íris Barbosa. **Psicologia da educação – Fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica**. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 114.

O trabalho docente, por sua vez, está impregnado de intencionalidade, pois visa a formação humana por meio de conteúdos e habilidades, de pensamento e ação, que implica escolhas, valores, compromissos éticos. Isso significa introduzir objetivos de natureza conceitual (clareza do assunto abordado), procedimental (método adotado) e valorativa (pertinência para a vida o educando); *transformar o saber científico ou tecnológico em conteúdos formativos*.³

Por isso, dominar conhecimentos não quer dizer apenas assimilação de dados objetivos pré-elaborados, produtos prontos do saber acumulado. Mais do que dominar os produtos interessa aos alunos compreender que estes são resultantes de um processo de investigação humana. Assim trabalhar o conhecimento no processo formativo dos alunos significa proceder à mediação entre os significados do saber no mundo atual e aqueles dos contextos nos quais foram produzidos. Significa explicitar os nexos entre a atividade de pesquisa e seus resultados, portanto instrumentalizar os alunos no próprio processo de pesquisar.⁴

Há uma busca nova de modificações presente no discurso e nas práticas de muitas escolas. Trata-se de provocar, nos educandos, o domínio de procedimentos que facilitem a produção, por eles mesmos, de novos conhecimentos. Afirma-se que os educandos necessitam aprender a aprender ou aprender a pensar por si próprios. Contudo, para se alcançar tais ideais de conscientização, necessita-se de uma nova atitude educacional, “já não se ensina mais, mas aprender-se-ia em reciprocidade”⁵ (educando com educando e educando com educador). Esta nova postura do docente surgiria de uma vocação mais humanizadora, ele seria apenas um coordenador do aprendizado. Seu papel fundamental é provocar seu destinatário à reflexão, não mais restringi-lo da capacidade de dar seus significados às palavras. Alguns chamam isso de aprendizagem ou desenvolvimento da autonomia intelectual.⁶

Nossas crianças e nossos jovens precisam ser convidados a pensar mais sistematicamente nos grandes temas relativos à existência humana e ao nosso mundo: fazemos parte de sociedades que têm referências, para nossas vidas, muito

³ Cf. LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002, p.16.

⁴ Ibidem.

⁵ Fiori, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. IN: Paulo Freire. **Pedagogia do oprimido**. 33ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.10.

⁶ Ibid., p.16.

bem elaboradas, pertinentes a esses grandes temas. Há que provocar a curiosidade das crianças e jovens e convidá-los a participar da análise dessas referências e, em seguida, a participar de sua elaboração e, se for o caso, de sua reelaboração. Já não podemos aceitar sermos apenas espectadores passivos do acontecer da História: as grandes referências sempre tiveram, têm e terão grande peso na constituição dessa História. Temos necessidade e, por isso mesmo, direito de participar de sua elaboração: o começo dela se dá na educação das crianças e jovens.⁷

Portanto, a visão educacional que se defende até então, não apresenta somente “respostas prontas”, já estabelecidas, pois os discentes não apenas têm o direito de proceder a um exame rigoroso e crítico a respeito dessas respostas, o que envolve conhecê-las, mas também ajuizar e opinar sobre elas e sobre alternativas para tais. Cabe a oportunidade de aprender a dominar o uso das ferramentas intelectuais que lhes possibilitem as decisões, e, de ser educados para a autonomia. Nesse sentido, uma iniciação filosófica relativa aos bons procedimentos do filosofar deve ser iniciado quanto antes.

O estudante que aprende apenas os resultados da investigação não se torna um investigador, mas apenas um estudante instruído. Esta alusão aponta para um dos propósitos educacionais da filosofia: todo estudante deve tornar-se (ou continuar a ser) um investigador. Para a realização desta meta não há melhor preparo que o que é dado pela filosofia. A filosofia é investigação conceitual, que é a investigação na sua forma mais pura e essencial.⁸

1. 3. QUAL DEVE SER O DIFERENCIAL DA FILOSOFIA NA ESCOLA?

A filosofia é diferente das demais formas de conhecimento, porque ela trabalha principalmente e primordialmente sobre certas questões, tendo em vista produção de respostas que nunca se fecham, porque são continuamente questionadas. Pode-se dizer que fazer filosofia realiza um processo investigativo: reflexivo, crítico, rigoroso, profundo, radical, abrangente, ou que busque totalidades referenciais significativas sobre ou com base naquelas certas questões, às quais já nos referimos sem, ainda, indicá-las.⁹

⁷Cf Fiori, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. IN: Paulo Freire. **Pedagogia do oprimido**. 33ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.18.

⁸ LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 1990, p. 58.

⁹ Cf. LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002, p.35.

Crianças e jovens questionam naturalmente por que pensamos, o que é pensar, como temos idéias, como alguém pode ter certeza de algo; há injustiças e o que é mesmo justiça; o que é mesmo gente, se os animais pensam e sentem como os seres humanos; se há um sentido para a vida humana; se as coisas existirão sempre ou se tudo é provisório; e outras. Ora, essas são as questões, entre muitas outras, que fazem parte privilegiada das indagações filosóficas. A proposta é a de aproveitar esse interesse presente nas crianças e jovens, para envolvê-los em um processo de investigação que pode ser a verdadeira iniciação filosófica, educativa por si mesma. “Pois, não nascemos matemáticos, físicos, biólogos etc. Nascemos filósofos.”¹⁰

O tratamento da Filosofia como um componente curricular do ensino médio, ao mesmo tempo em que vem ao encontro da cidadania, apresenta-se, porém, como um desafio, pois a satisfação dessa necessidade e a oferta de um ensino de qualidade só são possíveis se forem estabelecidas condições adequadas para sua presença como disciplina, implicando a garantia de recursos materiais e humanos. Não basta então o talento do professor, se não houver igualmente uma formação filosófica adequada e, de preferência, contínua.

Ser capaz de valer-se de elementos do cotidiano pode tornar rica a sua aula¹¹, porém não só o professor de filosofia, mas todos os educadores, ao desenvolver habilidades e posturas não deve inculcar ou impor, valores, doutrinar, mas sim “despertar os jovens para a reflexão, bem como transmitir aos alunos do ensino médio o legado da tradição e o gosto pelo pensamento inovador, crítico e independente, seja lá qual for a disciplina abordada”.

2- COM QUAL ASSUNTO COMEÇAR A INTERAGIR COM O DISCENTE?

Talvez seja necessário buscar referências que nos ajudem a entender melhor o que é esse mundo material imenso e, nele, o nosso planeta Terra e, na Terra, o que é a Natureza e como devemos viver em uma relação adequada com a natureza etc.

Não podemos esquecer que, dotado de um poderoso impulso em direção ao conhecimento, o homem, desde o início dos tempos, procurou entender o mundo

¹⁰ RUBIN, Achylle. **Também você é filósofo**. Santa Maria: Palloti, 2002, p.144.

¹¹ Cf. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2006. **Orientações curriculares para o ensino médio**; Vol.III.

que o cerca. A criação do universo, a origem das estrelas e de outros corpos celestes, o mistério da morte, o ciclo do dia e da noite são questionamentos anteriores ao próprio nascimento da filosofia.

De fato, todas as culturas de que temos registro, passadas e presentes, tentaram entender de alguma forma entender não só nossas origens, mas também a origem do mundo de culturas pré-científicas às teorias cosmológicas modernas, a questão de por que existe algo ao invés do nada, ou, em outras palavras, por que o mundo? Inspirou e inspira tanto o religioso como o ateu.¹²

A história do homem pode ser identificada com a história do conhecimento do mundo onde ele vive, conhecimento que foi sendo adquirido e acumulado ao longo dos séculos. O ser humano via nas ocorrências naturais enigmas que precisavam ser decifrados, muitas vezes para a própria sobrevivência de sua comunidade.

Talvez mais relevantes que os vários detalhes de seu legado cultural, os gregos nos ensinaram como é importante nos perguntar sobre o mundo à nossa volta e sobre nós mesmos. Seu amor pela razão e pela sua fé no uso do raciocínio como instrumento principal na busca do conhecimento formam o arcabouço fundamental do estudo científico da Natureza. Não devemos fugir nunca dessa busca, intimidados pela nossa ignorância. O medo deve ser combatido com a razão e não com mais medo. Essa, para os gregos, é a chave da sabedoria.¹³

Assim, a postura de um cientista ou de um filósofo, no que toca a “paixão” pelo saber, ao conhecer a realidade que o envolve, há de ser um exemplo a ser buscado por todo aquele que busca ser humanizado:

Para a maioria dos cientistas o estudo da Natureza é encarado como um desafio intelectual. Sua motivação para enfrentar esse desafio vem de uma profunda fé na capacidade da razão humana de poder entender o mundo à sua capacidade da razão humana de poder entender o mundo à sua volta.¹⁴

O céu como hoje vemos é completamente diverso daquele interpretado pelos babilônios há mais de quatro mil anos. Não que ele tenha se alterado tão profundamente. Alterou-se, sim, nossa, compreensão. Assim, o que parecia resolvido em fins do século XIX adentra o nosso século mostrando a fragilidade e a

¹² GLEISER, Marcelo. **A dança do universo: dos mitos da criação ao Big Bang**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1997, p.11.

¹³ Ibid., p. 88.

¹⁴ GLEISER, Marcelo. **A dança do universo: dos mitos da criação ao Big Bang**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1997, p.19.

força do pensamento científico: a natureza é mais complexa do que se imaginava: e pequenos detalhes que obscureciam o céu da física clássica (visão cosmológica mecanicista) foram desvelados pelas teorias da física quântica e relativística.¹⁵

Desta maneira, considerando as pré-disposições inerentes ao ser humano, com relação aos interesses cosmológicos e ontológicos, comprovados desde os tempos mais primórdios de nossa espécie podem ser um bom começo de trabalho de reflexão com os alunos a nós confiados, haja vista a imensidade de assuntos filosóficos que tem seu grau de importância, nenhum se compara com o da procura de esclarecimentos sobre a própria existência.

Sendo assim, para começar a trabalho de reflexão com os alunos (não é fórmula mágica!), a filosofia no ensino médio deve buscar uma possível resposta sobre os problemas existenciais fundamentais: o que é a realidade na qual estamos, da qual fazemos parte e nos relacionamos?

Como entender nossa relação com esta realidade, com este mundo: com o mundo natural; o que entendemos, mesmo, por natureza? Com os vários mundos de cada pessoa? Como entender as afirmações relativas a possíveis mundos ou realidades transcendentais a este mundo, no qual nos encontramos? Como entender os diversos entendimentos de mundo? O que, na verdade, constitui a realidade? O que é real? Ao tentar entender o universo: será que o mesmo é finito, ou Infinito? E entre outras...

CONCLUSÃO

Mediante aos desafios ressaltados referentes às carências de alta porcentagem dos alunos brasileiros, tanto com relação à própria identidade (compreensão de si), quanto para com a produção de conhecimentos, neste caso, discussão filosófica, o professor deve procurar aflorar em seus destinatários questões que já estão presentes neles por serem simplesmente humanos racionais “caçadores de fundamentos”. Deve-se apresentar com mais audácia a identidade da filosofia, sua relevância e “crucialidade” para a humanidade verdadeiramente conscientizada. Sugere-se aos docentes comecem a trabalhar interpelações referentes à existência, isto é, indagações realmente profundas, e que posteriormente, possam levar a um conseqüente interesse para com os próximos assuntos que a filosofia vir a propor, discutir, questionar, criticar...

¹⁵ Cf. MORRIS, Richard. **Uma breve história do infinito**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zagar Editor, 1998, p. 9.

REFERÊNCIAS

- Fiori, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. IN: Paulo Freire. **Pedagogia do oprimido**. 33ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GLEISER, Marcelo. **A dança do universo: dos mitos da criação ao Big Bang**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1997.
- GOULART, Íris Barbosa. **Psicologia da educação – Fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica**. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 1990.
- LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MORRIS, Richard. **Uma breve história do infinito**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zagar Editor, 1998.
- RUBIN, Achylle. **Também você é filósofo**. Santa Maria: Palloti, 2002.
- Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio**; Vol.III, 2006.